

# TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias\_debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

## Conhecer para ser: saber jurídico na educação básica

Jovens precisam compreender direitos e deveres

**Guilherme Guimarães Feliciano,**  
**Luiz Cláudio Costa e Sebastião Feliciano**

Presidente da Anamatra (Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho) e juiz do Trabalho  
Presidente do grupo Record TV e advogado  
Supervisor de ensino aposentado do Estado de São Paulo e bacharel em direito

Sob os auspícios de um novo governo eleito, surge o melhor ensino para que um tema fundamental volte à baila: o ensino básico nas escolas públicas e privadas do país. No ensino médio, em particular, os desafios são imensos. Em 2017, somente 59,2% dos jovens com até 19 anos haviam concluído essa etapa da educação básica. É preciso universalizá-la.

Algo existe, porém, que não chegou ao radar dos educadores e próceres das reformas: o universo dos direitos e deveres.

Os atuais currículos escolares deveriam entregar à sociedade, quando bem executados, cidadãos que leem e escrevem, interpretam textos, fazem cálculos de pouca complexidade, conhecem sua história e geografia e dominam seus símbolos pátrios, como os hinos oficiais. A par do civismo, porém, desconhecem a sua cidadania.

Com efeito, quais são os seus direitos fundamentais? Sabem que

podem perambular, exprimir-se, professor (ou não) uma fé, organizar-se, informar-se e manifestar-se?

Sabem quais são as garantias constitucionais que, para a tutela desses direitos, estão a seu alcance? Sabem da garantia fundamental de pleno acesso ao Judiciário, em caso de lesão ou ameaça de lesão a direitos ou interesses?

Compreendem quantos e quais são seus direitos sociais fundamentais? Entendem quais direitos o constituinte originário reservou a quem trabalha, com subordinação ou mesmo sem ela? Sabem da possibilidade de defenderem pessoalmente o patrimônio público e outros interesses coletivos e difusos? Sabem a que autoridades recorrer, e como fazê-lo, diante de contextos de opressão, constrangimento ou ilegalidade que tenham origem nas ações e omissões de outros cidadãos ou do próprio poder público?

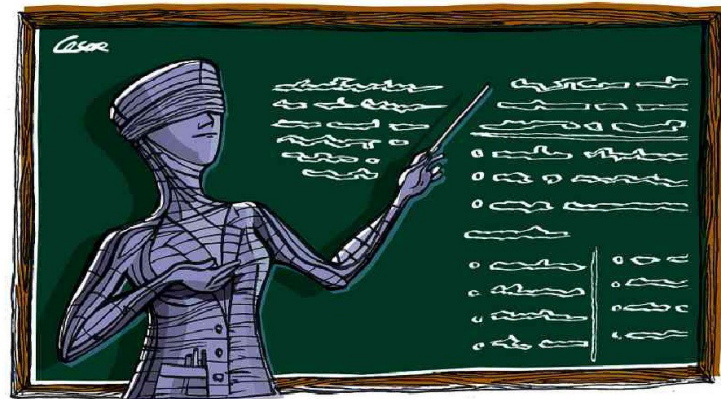
De outro turno, esses milhões de

cidadãos que as escolas privadas e públicas devolvem à sociedade, todos os anos, conhecem os âmbitos de seus deveres?

Entendem a diferença entre um ilícito civil, uma infração administrativa, um ato de improbidade e um crime ou contravenção penal? Conseguem reconhecer deveres e obrigações oriundos de fontes legítimas — como, por exemplo, leis e contratos — daquelas “obrigações” que se desenharam a partir de fontes espúrias, como a opressão das maiorias, o desvio de autoridade ou o crime organizado?

O fato é que, em geral, o cidadão comum ignora boa parte desses elementos. Vamos além: boa parte dos concidadãos ou não sabe ou finge desconhecer quais os limites dos seus direitos e deveres. “Direito” e “dever” surge, então, como resultado do grito mais alto ou da mais perfeita “malandragem”. Convém agir prontamente para reverter curva tão mortal para a vida em sociedade. Repensar o modelo curricular, de forma que o jovem conheça o mundo em que vive do ponto de vista jurídico. Uma cadeia dedicada a “Noções de Direito e Cidadania”, ministrada durante o ensino médio, bem serviria a esse propósito.

Sigmund Freud (1856-1939) associava, em seus estudos psicanalíticos, o conhecimento ao poder. A potência que não se conhece tende a ser inútil, se não realizada, ou nociva, quando realizada. Eis o que falta ao cidadão: conhecer para se empoderar. Se o Brasil não fomentar uma enraizada cultura de cidadania, restar-lhe-á a damar por mais Estado.



Cesar Habert Paciomik

## Terapias psicodélicas e (auto)conhecimento

É preciso superar preconceitos sobre tais recursos

por diversas grandes universidades brasileiras, incluindo resultados promissores para o tratamento da depressão e da dependência.

Entretanto deve-se dizer que nenhuma dessas terapias é ainda regulamentada, e em alguns casos estamos apenas começando a al-

# PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br

Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

### Candidata laranja

Nenhuma denúncia contra Bolsonaro foi tão grave como a apresentada neste domingo (10) pela **Folha**. É contra seu partido, que fez campanha montada na honestidade; envolve o secretário-geral da Presidência, Gustavo Bebianno; envolve o presidente do PSL, Luciano Bivar. A reportagem é documentada e ajuda a derreter a imagem ética.  
**Silvio de Barros Pinheiro** (Santos, SP)

### Incêndio no Ninho do Urubu

Mais um absurdo inenarrável no Brasil, vitimando crianças e seus sonhos de serem ídolos no país do futebol e das tragédias. Curioso notar que o caderno Esporte saiu do seu já conhecido apequenamento para noticiar algo triste e funesto.  
**Gustavo Lorenzi de Castro** (São Paulo, SP)

Um anjo esperando os outros dez para iniciar a pelada... Meus olhos estão úmidos, meu coração está na garganta. Mil palavras não passarão essa mensagem. Jean Galvão se superou (cartum, Opinião, 10/2).  
**Sérgio Aparecido Nardelli** (São Paulo, SP)

### Tragédias

As grandes tragédias, como acidente da TAM, boate Kiss, Mariana, Brumadinho e Flamengo, têm as mesmas raízes: descaso das autoridades; convivência do Poder Judiciário com corrupção e crime; ganância de empresas; banalização da violência; desvalorização da vida.  
**André Luis Coutinho** (Campinas, SP)

O culpado nessa série de tragédias é o “Deus dinheiro”. É o pobre que acaba morando nas encostas dos morros, nas várzeas, nas margens inundáveis de rios ou em outros locais perigosos. E aqueles que detêm o vil metal tendem a fazer tudo que propicie o rápido acúmulo, subornando fiscais, burlando o Fisco, comprando dirigentes.  
**Carlos Gonçalves de Faria** (São Paulo, SP)

### Colunistas

André Singer apelou em seu último artigo (“De mãos amarradas”, Opinião, 9/2). Se tivesse apenas se restringido à defesa de Lula, não teríamos nossa inteligência insultada, mesmo discordando. Mas, ao dizer que Lula é inocente porque há suposta parcialidade em caso sem relação com o dele (o de Flávio Bolsonaro, sem discutir aqui o mérito), aí já é demais. Perde a razão.  
**Luiz Daniel de Campos** (São Paulo, SP)

Sempre admirei a inteligência e a cultura do professor Singer. Mesmo contrário à sua filosofia política. Mas, na coluna, faz comparação absurda tentando diminuir um erro com outro. Infantil, decepcionante. Mal comparando: “Quebrei o prato, mas Joãozinho quebrou o copo”. A oposição precisa se rees-

### Previdência

A reforma da Previdência está sendo mal conduzida. A cada dia há uma nova versão ou discordância entre o presidente e seus mentores. O mais grave é que está sendo feita para agradar o mercado. Vamos a cada dia movimentos especulativos ao sabor das notícias. Os grandes perdedores são o governo e a população.

**Iria de Sá Dodde** (Rio de Janeiro, RJ)

### Receita x Judiciário

O ministro Gilmar Mendes deve estar preocupado com as investigações em expectativa de que localizem os motivos de tantos habeas corpus deferidos (“Gilmar Mendes é investigado pela Receita e pede apuração a Toffoli”, *Mônica Bergamo*, 8/2). Se nada tem a temer, por que solicitar intervenção do presidente do STF?  
**Araldo Vieira da Silva** (Araçáju, SE)

O ministro Gilmar Mendes arvorase contra procedimentos rotineiros da Receita. Profissionais do direito, tanto do setor público como do privado, são refratários a verificações de órgãos de controle, em um corporativismo absurdo.

**Oswaldo Cesar Tavares** (São Paulo, SP)

Algo a ser feito para ontem é uma reforma do Judiciário. Acabar com a vitaliciedade — juiz deve ser eleito pela comunidade e ter mandato certo — e com as benesses absurdas. Essa gente ganha uma fortuna e tem seu trabalho feito por assessores. A massa do funcionalismo público ganha uma miséria, e só se fala no custo dessa parcela.  
**Paulo Alves** (Rio de Janeiro, RJ)

### Viadutos paulistanos

A respeito da reportagem “Preteitura impõe sigilo à inspeção de pontes e viadutos sob risco em São Paulo” (*Cotidiano*, 9/2), a prefeitura reitera que não há decretação de sigilo de informação; nunca houve e nunca haverá nesta gestão, que tem a transparência como um de seus princípios basilares. O termo de confidencialidade refere-se à relação entre empresas contratadas e prefeitura. Ao receber informações, a prefeitura irá imediatamente tomar providências, de acordo com o resultado do laudo, e tornará a informação pública. Não há sigilo. Apenas cautela para evitar divulgação de informações incorretas.

**Marco Antonio Sabino**, secretário de Comunicação da Prefeitura de SP

**Resposta da repórter Mariana Zylberkan:** Ao impor termo de confidencialidade às empresas que farão as vistorias, a prefeitura fere a transparência à qual se refere em carta. Uma vez que a divulgação de informações sobre pontes e viadutos é restringida pelo viés da fala dos gestores municipais, a fiscalização das obras é prejudicada.

## Luis Fernando Tófoli

Professor de psiquiatria da Unicamp e coordenador do Icaro, grupo de pesquisa sobre o uso terapêutico de ayahuasca e outros psicodélicos

O artigo da psicanalista Danit Pondé publicado nesta *Folha* (7/2) e um vídeo divulgado no canal de YouTube do professor titular de psicologia da USP Christian Dunker são oportunidades recentes para discutirmos o potencial papel dos psicodélicos como tratamento e as suas peculiaridades.

Para iniciar, é fundamental esclarecer que a assim chamada terapia assistida por psicodélicos não é uma tentativa de se esquivar dos processos de busca por autoconhecimento.

É justamente baseado no princípio de que esses psicoativos são capazes de facilitar a revelação e/ou o trabalho de conteúdos mentais submersos que se estabeleceram os procedimentos da terapia psicodélica.

Ao contrário de se opor à psicanálise ou outras abordagens, tais tratamentos experimentais em geral necessitam de um importante papel da psicoterapia — antes e depois da aplicação da droga.

Ainda, as sessões de tratamento não devem ser confundidas com

o uso recreativo ou social, pois se dão com preparo adequado, ambientes controlados e um processo de elaboração terapêutica posterior.

É assim que acontece com o MDMA, princípio ativo do ecstasy, cuja avaliação como apoio à terapia já está a poucos passos de ser oficializada como um tratamento particularmente encorajador na síndrome do estresse pós-traumático.

Da mesma forma, a psilocibina, presente nos chamados “cogumelos mágicos”, está atualmente registrada em pelo menos 25 estudos futuros ou em andamento, focando em uma variedade de problemas que vão do transtorno obsessivo-compulsivo ao tratamento de uso problemático de álcool e outras drogas.

A ayahuasca, mais conhecida como Santo Daime, é uma bebida psicoativa de origem indígena cujo uso ritual é autorizado no Brasil e tem permitido que nosso país faça parte da vanguarda científica psicodélica, com pesquisas realizadas

cançar quais seriam os potenciais de cuidado — e eu uso essa palavra no lugar do termo “cura” de propósito, pois a ideia de algo que “reset” sua mente de forma milagrosa deve mesmo ser vista com cautela.

Como em qualquer processo terapêutico, da psicanálise ao medicamento, haverá pessoas que não obterão respostas e, mais ainda, poderão haver problemas se o método for aplicado de forma inescrupulosa. O uso de psicodélicos é, por exemplo, contraindicado para pessoas com diagnósticos de esquizofrenia ou transtorno bipolar.

Por se tratar de substâncias sem patentes, o interesse da indústria farmacêutica é, porém, muito tímido, até porque seu uso acontece em quantidades limitadas e em momentos específicos, o que é bem diferente do uso diário de medicamentos psiquiátricos.

Talvez justamente por isso ainda seja tão difícil e burocrático pesquisar com essas substâncias, quando puras, no Brasil. É preciso, assim, pensar estrategicamente e investir onde já estamos à frente da maioria dos países.

Para isso, é necessário superar preconceitos e ampliar nosso conhecimento estratégico sobre essas poderosas ferramentas.

truturar. Pelo bem da democracia.

**Érico Pampado Di Santis** (Taubaté, SP)

### Ciro Gomes

O **Ciro** tem conteúdo e é bem articulado. Pena que seja desequilibrado (“Eu estou solto e Lula está preso, babaca”, afirma **Ciro** em ato da UNE”, Poder, 8/2). Se tivesse o botão vermelho da bomba atômica, o planeta já teria explodido.

**Mário Rubial Monteiro** (São Paulo, SP)

### Visitas

Ao contrário do que sugere o leitor **Werner Mittegger**, entendo que a divulgação das visitas recebidas pelo jornal deva ser mantida, pois é um exercício de transparência através do qual nós somos informados dos contatos mantidos pela **Folha**, possibilitando que avaliemos sua efetiva pluralidade.

**Márcio Augustus Ribeiro** (Vinhedo, SP)

## ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

**SAÚDE** (6.FEV., PÁG. B5) Diferentemente do publicado na reportagem “Aspirina, diurético e omeprazol são associados a câncer em novos estudos”, o nome do perídi-

co em que foi publicada a pesquisa que mostrou o aumento da incidência de câncer relacionada ao uso de drogas como o omeprazol é Gut, não Stomach.

**Fernando Knijnik** (São Paulo, SP)

✱

Três meses antes do acidente, a prefeitura foi avisada pelo DER das fissuras no viaduto de Pinheiros. A marquise do Ibirapuera está ameaçando cair. O Minhocão, com centenas de infiltrações, foi excluído da lista de viadutos a serem vistoriados. A prefeitura, agora, impõe sigilo à inspeção. E a transparência? E a democracia? Os municípios estão perplexos e consternados.

**Marlene Klaiom da Silveira**

(São Paulo, SP)